



TRANSCRIÇÃO OSWALDO FERREIRA LEITE NETTO

[00:00:00.00] LETREIROS

[00:00:40] [OSWALDO FERREIRA LEITE NETTO]

Bom, tava pensando aqui e rememorando também, porque com esses estímulos a gente começa a pensar... Mas agora me veio uma ideia de que talvez a minha trajetória, como pessoa, como homem, envolve a psicanálise bastante e o que a psicanálise representa pra mim que é sempre no sentido de ampliar, abrir, conquistar espaços, conquistar territórios. Liberdade, né? E eu acho que a minha vida que se liga à psicanálise vem desse processo que eu acho que é de atravessar fronteiras, eu fiquei pensando nisso.

Isso porque eu tenho uma origem de elite, elite paulistana, a família da minha mãe é desse negócio: perderam tudo em 29, o "crack", mas meu bisavô tinha fazenda de café, essas coisas...

Mas essa pose, e também essa ideia que se refletia nas novas gerações num aprisionamento, assim e eu penso que... Isso eu acho uma coisa interessante de detectar em mim: que eu sempre tive uma necessidade de sair disso, eu precisava sair, precisava avançar.

Aí: colégio católico – religião católica; Santa Cruz – numa época que só tinha rapazes, só tinha gente rica, aqueles herdeiros... Era uma coisa interessante dessa época do colégio que ninguém ia fazer medicina, isso de fazer medicina já era uma coisa um pouco esquisita, mas eu pensava que eu queria ter uma vida que fosse mais parecida com filme, com romance, não com aquilo lá das pessoas, casando e... Não sei, era uma coisa que pra mim não... Precisava ser alguma coisa diferente.

E eu entrei pra faculdade de medicina, fiz o primeiro ano em 69, já faz muito tempo, acho que 50 e tantos anos... E isso pra mim foi a primeira grande fronteira, porque eu tinha a sensação de que eu tinha atravessado o Rio Pinheiros pra USP, porque naquela época a



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

gente tinha aulas na Cidade Universitária, então... E foi aí que eu fui conhecer pessoas diferentes, já um pouco tardiamente, eu acho.

Mas, por exemplo, eu também não sabia, e foi na faculdade... Que São Paulo continuava além da Praça da Sé. Pra mim tinha a Praça da Sé, a Catedral como uma coisa meio turística católica, mas que o mundo continuava, assim, pra Zona Leste, isso pra mim foi marcante.

E eu fui trabalhar, porque era um jeito de ganhar uma graninha, no Censo de 1970, acho que era. É, isso. Eu tava no primeiro ou segundo ano. E coube pra mim a Zona Leste, uma área grande da Zona Leste, aí pra mim foi uma descoberta, de pessoas vivendo de outro jeito, porque era um grande universo de vilas operárias, assim, não tinha esse progresso e eu lembro que eu fiquei no Tatuapé, basicamente, mas era... Não tinha prédio, não tinha nada, né? E aí também conheci a diversidade dos imigrantes, dos brasileiros, assim, então aí eu fui... Uma época que pra mim também era fascinante porque eu já ia identificando os sotaques, porque as pessoas viviam meio que em comunidades, então tinham os alagoanos, os paraibanos, os rio grandenses do norte, os cearenses... E as pessoas ali... Aquilo virou a minha cabeça, o mundo é outra coisa, a vida como ela é, que a gente tava comentando...

[00:05:00] E os colegas da faculdade também, porque eu não conhecia ninguém... É até meio absurdo falar, mas eu não conhecia ninguém que estudava em escola pública, por exemplo, porque eram os meninos, os grã-fininhos do colégio ou de outros colégios.

Então, essa necessidade de ir, de conhecer as pessoas, de ampliar os meus próprios horizontes, acho que isso se cola nessa ideia de psicanálise que eu já ouvia falar, né, dos autores, Freud, assim... Mas eu não tinha conhecimento. Mas lá no colégio mesmo já teve umas coisas de psicologia, assim, pensando...

Mas eu tô falando isso porque eu também não me considero um *expert* em teoria psicanalítica, eu não sou muito "freudólogo" assim, eu sou da prática. Eu gosto de ouvir pessoas, de conhecer pessoas e de me experimentar com as sensações que essa



PSICANALISTAS QUE FALAM

diferença e esse encontro me causam. Porque é sempre um desafio, é sempre um rearranjo e muitas vezes muito chato você identificar as coisas que te aprisionam, que te seguram, os preconceitos, né? Eu acho importantíssima a questão de detectar o preconceito em você, como aquilo que é uma barreira a vencer, quando você vai em direção ao paciente, por exemplo. Então eu acho isso um exercício... E que é também hoje, passados tantos anos, que eu já atendo pessoas há mais de 40 anos, já bastante experiência e eu vejo... E é onde eu avalio, vamos dizer, um progresso, onde eu vejo que tô ficando melhor, é quando essa estranheza, que sempre existe, mas é menor, é menos angustiante, às vezes até é prazeroso de dizer: "Temos um desafio, são diferenças e coisas que eu não imaginava que pessoas pudessem viver isso, viver assim". Essas coisas que eu acho que são centrais no trabalho clínico do psicanalista, de enfrentar...

A Suely Rolnik que você mencionou fala muito isso, do desafio da experiência do estranho familiar, do *unheimliche*, você tem que se expor, tem que se expor a isso e manter acesa a sua competência analítica, eu diria isso.

Mas vejo também, hoje fico pensando, porque eu pertencço à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que é um lugar, vamos dizer, que eu prezo, que eu já ocupei vários cargos, tenho funções lá, mas vejo que é um ambiente, ao mesmo tempo, conservador, tradicional e conservador. Então certas questões que às vezes eu acho essenciais, parece que onde deveriam ser tratadas se passa ao largo. Essa questão da diferença eu acho que atualmente, com um grupo lá a gente pensa em questão de quota, em questão da presença de negros... Que não tem! Então são coisas, são questões que se colocam pra nós, como grupo e individualmente também.

Tem uma outra questão que aí diz respeito a mim intimamente que é a questão da homossexualidade, quer dizer, é um grande tabu! Uma coisa que não se fala e, quando se fala, se fala embasado em psicanálise, o que eu acho quase que um atentado, porque aí parece um não-entendimento do que é, do que o Freud colocou já em 1905 nos "Três ensaios", a não naturalidade da sexualidade humana, isso é um insight inicial e fundante, quando você pensa que gente, apesar de sermos mamíferos, termos um organismo,



PSICANALISTAS QUE FALAM

todas essas coisas, sujeitas ao envelhecimento e às doenças... A gente não transa pra reproduzir.

[00:10:15] Quer dizer, tem essa questão do prazer, da busca, da necessidade e da imaginação, das fantasias. É aí que eu acho que tem uma ruptura que é fantástico, é fascinante e não pode ser ignorada. Então eu combato muito qualquer normatização e também a patologização desta área, mas também de outras, das manifestações humanas, referidas a teorias psicanalíticas. Porque pra mim, a psicanálise é revolução, é subversão, é ruptura epistemológica com a medicina, com os princípios da medicina.

Então isso também é uma coisa que acho importante na minha trajetória, a meu respeito, é que eu tenho uma formação médica, sou médico. Não sei também dizer assim: "eu sempre quis ser psicanalista", não sei, mas pra mim a psicanálise se apresentou já no ambiente médico e de formação médica. Então eu sempre achei que faz parte, que fazia parte, depois é que eu fui avançando nisso e entendendo que tem uma coisa dentro do campo médico, mas que o Freud faz e que é uma revolução, é uma ruptura epistemológica com essa forma de saber e de investigar, que é a biologia. Essa coisa de um cara, um gênio como o Freud, naquela época, no meio médico, ousar dizer "tem algo que escapa e que se faz presente, que influencia, que marca e que determina muita coisa", essa ideia do inconsciente. Eu convivendo no meio médico e psiquiátrico até hoje, vejo que essa retomada sempre, mesmo com meus alunos lá, de explicitar que há uma revolução, há uma ruptura e que você precisa, parece que sempre refazer, você tem que retomar, você tem que rever isso.

E como é difícil manter esse referencial e essa perspectiva, você sustentar o lugar de analista.

Quer dizer, o fato de eu frequentar essas duas instituições, uma médica e outra psicanalítica, eu às vezes tenho a impressão de que as pessoas vão se acomodando numa coisa fácil e facilitada, porque são os pares, são os autores... Daí vai virando uma espécie de religião, você tem sempre que estar, mesmo que lendo só Freud, você tem que



PSICANALISTAS QUE FALAM

retomar, tem que conversar com Freud, tem que receber do Freud esse espírito revolucionário, essa ruptura, assim, você tem que romper, você tem que ir...

Eu me lembro uma vez, o Tenório [Luiz Tenório Oliveira Lima]... O Tenório foi um encontro importante pra mim, ele tinha acabado de chegar da Bahia e eu estava no segundo ano da faculdade, ali atrapalhado, porque eu achava que: "Será que eu vou ter coragem de cair na clandestinidade como alguns colegas foram? Acho que eu não tenho essa coragem". Mas eu precisava aderir a alguma coisa que representasse isso aí: romper, avançar, conquistar outros territórios... E daí surge aquela figura, aquele baiano, falando daquele jeito, com aquele sotaque, aquele entusiasmo, uma cara de John Lennon, ele tinha um cabelão, aquele oclinhos... Eu falei "Nossa, dá pra ficar aqui na medicina, tem psicanálise e tem gente mais louca, não é só gente normal, assim, preocupado em ganhar dinheiro, essas coisas"...

[00:15:00] Esses dias eu tava pensando também: teve uma adesão muito louca dos médicos ao bolsonarismo, a essas coisas, né? E aí eu fico pensando: será que era? Porque eu sou de uma geração de médicos, aqui, da Faculdade de Medicina da USP que deu muito psicanalista e deu muita gente de saúde pública, de medicina preventiva... Porque as preocupações...

Porque também o curso de medicina eu também acho uma coisa fascinante. Eu logo pensei que eu queria fazer psiquiatria, pra ser psicanalista e tal, mas as coisas que a gente ia passando dava vontade de fazer tudo, então eu tive vontade de ser pediatra, vontade de ser infectologista, até de cirurgião, porque eu achei fascinante aquilo, achava de uma ousadia, de uma coragem: o paciente chega no pronto socorro, o cara fala: "Abre, abre!". Eu falava: "Eu nunca vou conseguir falar isso", pegar uma faca e abrir a pessoa. E eles faziam isso, fazem ainda, porque a medicina tem uma coisa ousada e heroica que ainda me causa admiração, todo avanço depende disso. É quase que uma insurreição contra os desígnios de Deus, porque não é pra mexer e eles: "Nós vamos mexer e abrir e cortar e irradiar", sei lá o que...



PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas a medicina – que eu queria falar isso – marca simbolicamente o nascimento da medicina a profanação dos túmulos pra pegar os cadáveres frescos de madrugada que tinham sido enterrados no dia pra poder dissecar e abrir e entender como é que era. Esse impulso epistemofílico dos médicos: "Não, a gente tem que ver como que é por dentro, não adianta ficar supondo, dando isso, dando aquilo... Os humores, a gente precisa ver".

Então isto marca a medicina e, de certa forma, acho que essa ousadia também é algo pro psicanalista também adotar, guardadas as... Tanto que o Freud sempre usou essas metáforas de medicina, de cirurgia, da assepsia, essas coisas todas... Quer dizer, tem um ousar, um avançar, um romper, que é isso que eu acho que é subversivo. E as forças que sempre você se depara e se contrapõe a elas. Então eu acho importante você se expor e se pôr à prova, eu acho isso importante, e são várias questões.

A questão médica, do meio médico, porque esse avanço... O avanço é inacreditável, assim, até hoje...

Eu agora me submeti lá a um tratamento e fiquei bobo de ver, pra mim era *science fiction* total. Me formei em 74, quando eu formei não tinha nem ultrassom, tava começando, a gente ouvia falar em grávidas, nos Estados Unidos. E a primeira vez que eu vi uma ressonância magnética foi em mim, no meu joelho, porque eu tinha problema de menisco, e eu tava acostumado com raio X, que raio X é uma coisa que é só pra iniciados, né? Um cara que lê um raio X e entende e faz as correlações dos achados com a clínica e com as propostas terapêuticas precisa ter muito treino e muita habilidade, precisa ter um olhar muito... Agora, você pega uma ressonância, é uma fotografia de dentro e você vê, vi o menisco esgarçado, a articulação. Falei: "Nossa!". Fiquei fascinado, nem fiquei com tanto medo – porque eu também tenho medo de médico, detesto ir... O que é que eles vão inventar que eu não vou fazer, eu já penso assim, que eu não vou fazer... Mas, enfim, tem isto, mas isto também permite um desvio, que isto eu constato muito, que tem até um nome em latim, que a gente usava muito que é o *furor curandis*, quer dizer, como o cara tá de posse desses instrumentos que te conferem esse poder, você acha que você resolve tudo e que tem que resolver, porque é uma pressão...



PSICANALISTAS QUE FALAM

Eu acho que o que empobrece a medicina atual que de posse de todos esses recursos tecnológicos, todo esse poder, quer dar jeito no mundo, quer dar jeito nas pessoas, quer curar, parece que ninguém morre mais, coisas assim, ninguém vai ficar triste no caso da psiquiatria... A cura da depressão, a guerra à doença mental... São frases que a gente ouve bastante no meio médico atualmente. E que é quando eu acho a importância do psicanalista e da psicanálise.

[00:20:30] Então eu sempre falo isso, que eu sou um psicanalista que permanece na instituição psiquiátrica e médica, mas não pra aderir, pra poder talvez juntar forças, tentar conversar, mas não conceder. Mas acho que ao mesmo tempo não é pra abandonar.

Eu vejo isso, tem todos esses tipos, porque eu também vivi isso, as coisas que eu propus na Sociedade de Psicanálise, depois eu conto, mas é sempre: "Não, mas o Oswaldo é médico, o Oswaldo é psiquiatra, é a "psiquiatrização" da psicanálise, é a medicalização da psicanálise, é a banalização da psicanálise". E eu nunca senti assim. Porque lá no instituto de psiquiatria: "Não, com o Oswaldo não dá pra conversar, é muito radical, é psicanalista, vocês sabem, psicanalista vocês sabem como é que é, é a imaginação, é associação livre, não dá pra conversar".

Porque a medicina, é a tendência que eu acho mais desviante e mais louca é a medicina baseada em evidências, que é uma coisa bem americana, quer dizer, é *hard science*. Você entende isto do ponto de vista do positivismo, da ciência que se baseia em achados, que vai... E a medicina instrumentaliza isso, né?

Então você vai se empoderando – que é uma palavra, assim, da moda, esse empoderamento dos médicos na tecnologia, nos recursos, é uma coisa fascinante, assim, muito tentador, muito tentador, é difícil. E eu acho que eu tenho esse privilégio de ter... Porque lá no Instituto de Psiquiatria eu dirijo o serviço de psicoterapia, é onde a gente tem várias linhas, a gente tem os junguianos, os lacanianos, os psicodramatistas e os... Bom, junto com os lacanianos, os psicanalistas... Então a gente consegue ter acesso aos jovens



PSICANALISTAS QUE FALAM

médicos que vem pra fazer a residência em psiquiatria e que tem essa possibilidade... Não, eles são obrigados pelo COREME, que é a Comissão de Residência Médica, uma coisa federal, a terem psicoterapia. Tem ali uma introdução, uma apresentação e uma prática clínica. Então eu acho que é aí que a gente tem um lugar que marca e influencia bastante gente. Não necessariamente, uma vez um professor lá disse: "O que é que você quer, Oswaldo, você quer que todo mundo vá pra Sociedade de Psicanálise? Você quer que todos os psiquiatras virem psicanalistas?". Não, eu quero que eles sejam bons psiquiatras, que saibam que existe psicanálise, existe psicoterapia e que não é só remédio e não é só alívio de sintomas. Mas que a subjetividade, o mundo interno das pessoas é uma coisa mais complicada, e que, às vezes, precisa ser percebida e escutada e se interferir de alguma forma.

Então eu penso que a psicanálise ela nasceu pelas mãos de um médico, nasceu da medicina, por necessidades médicas, isso é uma frase do Freud de algum lugar que eu não lembro agora.

Mas a medicina continua precisando disso, porque se não ela se perde, ou ela pira, enlouquece, ou fica burra. Porque gente é complicado, gente é mais complicado, sempre tem uma coisa a mais, é isso que a gente fala, os psicanalistas, né? O que escapa, o absurdo, sempre tem isso em todos, em todos nós, em nós mesmos... Quando a gente pensa que a gente tá, daí tem um sonho, tem uma coisa, acontece um treco, né? Mas que sempre evidencia esse fascínio que é, eu acho que... Penso também... Porque como eu também participo de seleção de pessoas que querem fazer formação analítica e também da seleção de residência... Então eu gosto de, pelo menos, nem pergunto diretamente, mas eu tenho que intuir se a pessoa gosta de gente, né? Se acha que é um barato este mamífero, esta criação, essa obra da criação, que talvez não seja a perfeição como se acha, eu gosto de pensar...

[00:25:25] Eu conheci um cara, conheço ele ainda, esse meu amigo ele é professor da biologia e agora ele tá aposentado, ele foi inclusive o diretor do Museu de Zoologia, agora ele é diretor do MAC [Museu de Arte Contemporânea], mas ele é uma autoridade,



PSICANALISTAS QUE FALAM

acho que chama formigologia, não sei, mas ele é um formigólogo, estuda as formigas e eu achei fascinante uma conversa, primeiro que a moça que trabalha aqui comigo, tá comigo há 35 anos, a Mila, que a gente se dá super bem, ela fala: "Desculpe dizer, doutor Oswaldo, nós somos uma espécie de marido e mulher". E somos mesmo, porque ela é minha esposa assim. Aí ela disse: "Doutor Oswaldo, o senhor precisa falar – ela sempre usa isso – com seus amigos da USP, os cientistas, os médicos, porque tem essas formigas aqui". E, um dia, eu com ele, numa festa, num jantar, não sei, pedi uma dica – imagina, olha que coisa absurda, como é que eu perguntei pra um formigólogo: "Como é que mata formiga?"(risos). "Oswaldo, que absurdo o que você tá dizendo! As formigas não fazem mal nenhum, que vão no açucareiro, é só soprar". E isso eu falava já pra ela. "Mas eu não vou jogar fora o açúcar". "Não, não vai jogar fora o açúcar, é um desperdício, dá uma soprada que elas saem". Ele falou que as formigas não transmitem nenhuma doença e elas são como vírus, assim, elas vêm, são sazonais, depois desaparecem... E aí ele me explicou uma coisa que eles, ele e a equipe dele, estavam escrevendo e descobrindo umas glândulas que elas têm no sovaquinho delas, nos corpos, que quando elas estão chegando no formigueiro, que é um berçário, que tem que ser mantido asséptico, e tem as larvas e tal, que elas começam a secretar uma substância que, assim, a gente só inventou agora, que é o alcoolzinho na porta das coisas e daí elas já vão... E Deus que deu isso! Pra nós não deu isso. "Vocês vão ter tuberculose, vão ter aids, vão ter corona e eu não vou fazer nada!". Elas já vêm dotadas disto, quer dizer, isso pra mim é uma coisa incrível da perfeição. Quem é a obra-prima da criação? Eu não sei, talvez as formigas! Ou talvez até os cachorros que não têm nenhum grilo com o negócio de sexualidade, nenhum conflito, têm o cio, vai lá e depois passa.

Tive duas cachorras, hoje até foi bom a minha não estar aqui, mas a Hanah, que agora tá com 11, 12 anos e já é considerada uma senhora, mas ela, ela não sei o que ela teve, mas ela não gosta muito desse assunto, e eu não quis castrar, castrei mais recentemente pra evitar – fui orientado – a evitar câncer. Mas a outra que eu tinha – e elas me adoram – tanto essa outra que já faleceu, me adoram, quer dizer, as fantasias eróticas, se têm, é



PSICANALISTAS QUE FALAM

comigo, não é com outro cachorro e não funciona assim... É só, só naquele dia. A outra eu cruzei, até as núpcias foram na praça aqui com o cachorro que ela brincava, que era o namorado dela, o Fausto, é só naquele dia, depois... Depois diz: "Agora vai ficar namorando o Fausto", que nada, gostava de mim! Teve os oito filhotes, foi uma coisa incrível... Ah, isso também achei incrível, porque... A minha mãe até dizia: "Você é louco, vai ficar um fedor na sua casa, lá, esse monte de cachorro". Não, aquela mãe zelosa, não sei se vocês têm ou já conviveram com isso, mas ela lambia todo o xixi, comia todo o cocô, vamos dizer: trocava as fraldas o tempo todo. Aquela limpeza. E punha pra tomar sol os bebês enfileirados... Aquilo durou dois meses e eu ficava emocionado, assim, às lágrimas de ver aquele zelo, aquele cuidado, aquele amor.

[00:30:20] Mas com dois meses, dois meses cravados, o mito do amor materno não existe... E foi um sucesso, porque eram todos pretinhos, só uma fêmea, e todo mundo queria... Perguntavam se eu queria vender, porque ela era uma vira-lata, assim, de porte, mas casou com esse Fausto que era um labrador preto. E todos os filhotes eram lindos e todo mundo queria. E a Mila falou: "Não tem ninguém de boa família, é só o segundo escalão", porque os guardas, as empregadas, todo mundo levou... Às vezes uns traziam pra visitar a mãe, mas eles nem sabem mais disso aí, nós é que temos esse problema dia das mães, a macarronada da mama, esses problemas são nossos. Eles não têm isso, eles estão completamente livres disso. Eu achava de uma coisa de um aprendizado pra mim, pra poder valorizar também a complexidade humana, esse desamparo, que isso é fundante pras teorias e pra prática clínica também. Quer dizer, a gente se não tiver gente que se ocupe com esse encargo, com essa responsabilidade e essa capacidade amorosa, não vai pra frente, não dá certo. Os cachorrinhos, com dois meses desse cuidado, viram um cachorro igual, assim, já vira um cachorro. Com dois, três meses, alguns que ficaram aqui já faziam as mesmas coisas que a mãe: pega a bolinha, traz a bolinha, a comida, fica assim...

Mas... Eu, às vezes, acho que essa comparação e essa observação acho útil pra nós, clínicos, porque, ao mesmo tempo, e isso é uma coisa da Faculdade de Medicina, a gente



PSICANALISTAS QUE FALAM

estuda muitas funções biológicas nesses animais e aí é muito parecido, muito parecido. Desde rato, que é a coisa mais desprezível... Rato tem fígado, rim, aparelho digestivo, todos os processos: a respiração, a oxigenação, o pulmão, você pode... É igual, é igual! Não sei se vocês já viram isso, às vezes têm umas comparações do esqueleto, é muito parecido, é muito parecido, poderia ser... E os filhotes também, um recém-nascido é um ratinho, é um cachorrinho, é muito assim. Mas a gente complica, mas somos muito mais complicados, porque aí tem esta coisa, a gente tem isto: a fala, a linguagem, essa comunicação... E uma mente que vai longe, onde a gente vive um monte de coisas, inventa um monte de coisas, cria um monte de problemas também.

Eu acho que a ajuda de um psicanalista é quando ele percebe isto e entra naquela pessoa que se assustou com essa condição e com esse desafio, porque agora você vai ter que andar com as próprias pernas, aí... Valha-me Deus, ou psicanálise, ou as drogas, alguma coisa, porque é duro! É duro essas experiências todas, esse medo, essa paranoia, o desamparo, ambivalência, sentir desejo e tédio, tudo atrapalha, né? E você tem que ter uma competência pra gerenciar que não é dada pelo instinto.

Porque é isso que eu tava comparando com o cachorro. Porque, às vezes, eu tava falando... Mas agora lembrei de uma história...

Bom, associação livre... (risos)

Bom, às tantas eu ainda tava na faculdade e ainda morava aqui... Eu ganhei uma cachorra – sempre gostei de cachorro e sempre a gente teve, quando criança, tudo... E era daquela... Dálmata. E era linda! Eu nunca tinha tido, só vira-latas, assim, e achei uma coisa maravilhosa! Chamava Penélope. Aí o vizinho da frente tinha um dálmata, chamava Horácio.

[00:35:00] Bom, as famílias, as boas famílias, acordaram que seria um casamento bom, né? Mas a Penélope não teve o menor interesse, não adiantava dizer: "É de boa família, é bom partido, você vai resolver sua vida". Não adiantou nada, ela nem ouvia isso, só na nossa cabeça. E recusou. Um belo dia da Penélope no cio aqui dentro, meu pai chega e tinha um vira-lata que tinha pulado o quintal e tava comendo ela (risos)... Nossa,



PSICANALISTAS QUE FALAM

mas aquilo foi uma tragédia, assim, eu achei absurdo e falei "Mas é cachorro, não é a menina da casa, a virgem que tem que casar bem" (risos). Era uma coisa muito mais simples, mas, bem...

Bom, aí eu acho que são situações que mostram como a gente é complicado, como a gente complica as coisas e como essas coisas desses valores que vêm, que atravessam e aí se constituem os preconceitos das coisas.

Eu acho que tem muita coisa ainda pros psicanalistas contribuírem, assim, através dos trabalhos com as singularidades, que são os nossos... Eu acho que as nossas teorias elas nos instrumentam pra abordar isso, assim, que é muito particular. E que ainda fica mais particular porque é a dupla, é muito específica também – tô pensando no paciente e no analista, né? Não dá pra ficar falando, assim, como em medicina se fala "Ah, as mulheres de 40 anos...", "os homens não sei que lá"... "A população não sei quê"... A coisa da estatística, da epidemiologia, que é importante, a gente tá vivendo essa situação, mas não traz muito esclarecimento pros casos individuais, né?

Aliás eu acho que a medicina tem... Quando eu estudei ainda tinha muito latim, a gente usava muita expressão latina... Mas isso eu não vou falar em latim porque eu não sei, mas tinha um negócio que é "Cada caso é um caso", isso é coisa do Hipócrates, "Não existem doenças, existem doentes", aponta pra essa especificidade e pra essa singularidade que eu acho que dentro da medicina quem foi levando isso foi a psicanálise, foi... Porque aquilo que eu tava explicando antes, que esses recursos todos da medicina alimentam e permitem essas providências, assim, genéricas, que são importantes, é a saúde pública, você tem que... Mas sempre... Agora mesmo, eu tenho ouvido pessoas que surpreendentemente não contraem o corona, quer dizer, tem lá a família, não foi vacinado e não contrai. Ou pessoas que contraem, e têm uma evolução que o familiar falece e ela não.

Então as pessoas variam muito nas suas reações – isso no plano da fisiologia, no plano biológico mesmo.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Agora quando vai pra esse plano que a psicanálise traz pra ser verificado na clínica, que é a prática clínica psicanalítica, aí não adianta, não adianta nem a teoria, porque se você tá ali, se você desenvolveu essa habilidade de ver e perceber, aprender a microscopia da sessão, daqueles momentos diferentes, não adianta, você não sossega, você não vai dizer "Ah, é uma pneumonia do lóbulo não sei que lá", como o médico vai, "Agora tô relaxado, fiz o antibiograma, o antibiótico é esse, pronto. Próximo paciente!". A gente não é assim, a próxima sessão pode ser que seja totalmente diferente, né? Então a gente tem que sustentar uma incerteza que médico não segura muito atualmente, assim, então: "É assim, faz assim, tem que ser assim e faz". Por isso que médico é... Bom, é paciente difícil. Eu sou péssimo paciente. Além de médico ainda sou psicanalista, então eu fico querendo perceber qual que é a do cara e porque é que ele tá falando pra tomar isso e eu já não quero, é difícil, pra mim é o maior desafio é ser paciente!

[00:40:07] Pra mim também acho que tem a ver o Narcisismo, a arrogância, de não querer dar o braço a torcer de que tô precisando desse conhecimento. Mas são...

Bom, enfim, pra mim eu tava pensando isso, que essa ideia de um "psicanalista que fala", tô falando e de um jeito como é que é pra mim ser psicanalista e viver assim, implica muito essa coisa de estar nessa interface com a medicina e isso usar como algo que me mantém vivo e ativo como psicanalista, essa coisa dos desafios.

E a questão da transmissão, essa experiência de você receber gente jovem, assim, essas inserções que a gente tem lá com uma disciplina optativa pra falar de psicanálise com esses meninos e meninas tão jovens, tão inteligentes e que eu acho que não podem aderir a uma coisa, assim, tão onipotente, porque sempre tem que voltar um pouco pra condição humana, pros aspectos esses que eu tava falando que são tão delicados, tão fascinantes e tão diferentes dos animais, né? Então essa questão humanística, não sei o que eu acho (risos).

Então, assim, eu fico contente até de estar falando essas coisas nessa altura do campeonato, porque agora eu tô velho, né? Também difícil engolir isso aí, mas estamos lá, vamos enfrentando, assim. Mas acho que também dá uma liberdade, eu me sinto... Um



PSICANALISTAS QUE FALAM

conforto, assim, de ser quem eu sou, do jeito que eu sou, nesse meio, com as pessoas com quem eu tenho questões outra, assim...

A questão da sexualidade pra mim é central também porque, ah, eu sou gay e também isso não foi uma coisa fácil.

Eu sou de uma geração em que não tinha isso, não tinha nem essa palavra, essa denominação, era a palavra "entendido", algumas pessoas falavam, não tinha esse negócio, não era uma coisa tranquila, normal. Sempre achei que era um problema, era uma questão...

E também no meio psiquiátrico, no meio psicanalítico que às vezes eu contava isso pra alguém que não era desse meio e: "Nossa, mas eu achava que os psicanalistas..." (risos).

Não, porque eles têm uma maldita coisa de "Freud explica" e umas teorias e umas concepções que permitem essas inserções patologizantes e normatizadoras. Então: "Ah, não! Mas também com essa mãe...". "Ah, mas...". E daí também sempre sabe onde é que parou o desenvolvimento rumo à genitalização, que seria o "papai-mamãe" corretíssimo, com a penetração do pênis na vagina e isto só como a coisa. Mas isso Freud nunca falou, assim, peremptoriamente, ele falou dando brechas e dizendo que se tem que explicar a homossexualidade também tem que explicar a heterossexualidade, porque nada garante, porque como a gente não é bicho, não tem instinto, então tudo é construção, tudo é... Você pode até entender em cada caso que você acompanha, mas já tomar a priori assim como um diagnóstico isso aí não dá.

Então uma das coisas que eu me orgulho, assim, foi de ter criado, lá no âmbito diretoria científica da Sociedade um grupo de estudos de psicanálise e homossexualidade. A minha ideia não era nem fazer militância gay, nada disso, era propor mesmo uma revisão teórica, epistemológica e incluir outros autores que não eram lidos, a começar do Foucault, Judith Butler e todos esses, agora até o Paul Preciado, que são pessoas que é interessante você ouvir o que eles têm a dizer, assim, porque eles não são críticos demolidores, até podem



PSICANALISTAS QUE FALAM

ser, podem ser tomados, mas através deles você resgata a criação, a sacação original revolucionária do Freud, quer dizer, esse espírito...

[00:45:30] Eu continuo achando, mas talvez não sou tão estudado assim, mas continuo achando que o Freud é um puta subversivo.

Só essa ideia do consciente, do inconsciente, que você não é dono dos seus atos, o senhor na própria casa, que são o começo do Freud, isso já é um puta questionamento de um monte de coisas da nossa cultura, de todas essas coisas de controle, de regras, de moralismos, é super difícil administrar grupos humanos, tudo...

Mas acho que a gente ainda tem o que aprender e se beneficiar e se fortalecer com a psicanálise e com os conhecimentos do próprio Freud e dos outros. Mas agora lidos e adotados, eu penso, não como Bíblia, não como religião, não é conversão à psicanálise, não é religião, mas é um caminho de reflexão. Mas sobretudo é uma prática clínica, é isso que eu acho bacana.

Eu gosto de atender gente, gosto de atender e gosto de supervisionar atendimentos dos outros, quer dizer, a prática clínica. Às vezes até eu sinto que *me manque* um pouco de teoria mais profunda, mas... Um estudioso... Mas eu nem tenho tempo, eu tenho que atender as pessoas, e acho que a gente aprende com essa interação. É uma coisa muito desafiadora, que cansa, mas não cansa tanto assim.

Eu fico bobo de ver, outro dia eu peguei um motorista aqui e falei: "Você me leva lá até o HC, no Hospital das Clínicas, onde eu trabalho, na Faculdade de Medicina?". Ele falou: "Nossa, doutor, mas o senhor ainda trabalha?". Eu pensei: "Eu tô começando, agora que eu tô ficando mais, assim, até mais fora do armário, de ser um psicanalista gay, assim...". Tem muita coisa ainda pra fazer eu acho, porque eu acho que é muito estimulante isso. Isso é uma coisa que eu sou grato, nem sei direito...

Quer dizer, um pouco eu falei de como eu fui parar nisso, mas eu acho uma coisa muito... Um privilégio, muito gratificante, porque é uma coisa que te mantém em contato com gente interessante e com um trabalho que é muito desafiador, não sei... Que mantém essa coisa de Eros, de vida!



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então eu acho que sou grato à psicanálise. Agora não acho que é religião. O Freud, agora eu lembrei, o Freud é demais, ele pensou tudo, meio que nem os gregos, ele tem uma carta, não sei se vocês conhecem, é pro Pfister... [sussurro Heidi]. Que era pastor e era um interlocutor, correspondente, um "chapinha" lá do Freud, mas pastor, psicólogo, e pastor protestante. E ele criou um teste que até hoje é usado, que é das pirâmides coloridas de Pfister, é um teste que se usa em psicologia. E tem uma carta que o Freud diz: "Eu estou criando uma outra atividade, uma outra profissão". Porque o Pfister fala dos pastores, do pastoreio de almas, pastor de almas e tal. E ele diz assim: "É um pastor, o psicanalista é um tipo pastor de almas, mas é um pastor de almas profano, e que não tem que ser religioso e não tem que ser médico".

Então aí essa frase eu sempre pego, ele diz: "Eu tenho que proteger a psicanálise, de um lado dos religiosos, e do outro dos médicos". E isso eu acho sensacional, acho de uma atualidade que explica muitas das situações problemáticas que a gente vive, né?

[00:50:00] Com a medicina e a psiquiatria agora as coisas estão... Mas eu peguei muito esse tempo, a "era Prozac", aquilo virou o grande argumento pra: "Como é que você fica gastando tanto dinheiro e perdendo tanto tempo com analista se você toma um remédio e no dia seguinte você tá bom". Isto dito assim é um pouco simplificado demais, mas continua sendo assim, esse *approach* do psiquiatra. O psiquiatra mais durão, vamos dizer, ainda é assim de: "Ou isto ou aquilo ou coisas científicas e modernas embasadas em evidências ou filosofia, divagação, poesia, literatura". Mas eu tô falando em termos, assim, muito, talvez, práticos e leigos, mas é como eu vivo.

Eu sempre achei também que psicanálise tem a ver com a vida, aí é uma coisa Nelson Rodrigues, "A vida como ela é, né? Quer dizer, eu tive um professor... Bom... Não, era o meu analista! Ele dizia, ele era um bom professor, ele tinha uns grupos de estudo de Melanie Klein, que é uma coisa difícil de ler, bom, também acho o Lacan mais difícil, aquela coisa, aquela prolixidade, pra você se pôr ali em contato... Mas eu lembro que ele dizia que é um pouco isso aí do Freud que eu dizia. Então você lia lá do seio bom, do seio mal, não sei o que lá, ele parava e dizia: "Explica pra Sebastiana, a cozinheira e pro ortopedista do



PSICANALISTAS QUE FALAM

HC, explica isto: não, porque o bebê incorpora..." Não, eles não vão entender isso aí (risos). E ele dizia: "Essas experiências que são descrições, são teorizações, abstrações, modelos, mas estão se referindo a experiências humanas que todo mundo tem". Todo mundo tem, independe do nível socioeconômico e independe da especialização de conhecimento, né? Um ortopedista – tenho dois pacientes em análise – e eles estudam pra burro, é complexíssimo toda a questão cirúrgica em ortopedia, as doenças, os tratamentos, tudo. Mas às vezes estão um pouco desviados de experiências emocionais, afetivas, humanas corriqueiras, simplezinhas, que todo mundo vive, todo mundo tem acesso.

Todo mundo poderia ler essas coisas, assim, mas isso também eu acho que é um outro capítulo, é um outro problema, vamos dizer, assim, dessa erudição que vai ficando uma coisa tão sofisticada que é só pra iniciados.

Acho que tem esse aspecto de que a gente vai sendo introduzido num campo de conhecimento, mas é também uma linguagem muito específica que você... Eu vejo muito isso quando a gente supervisiona os jovens médicos. São pessoas de alto nível intelectual, mas não dá pra você falar o "psicanalês", não dá! Eles imediatamente falam: "O que é que é isso? Não tô entendendo nada, tá louco?". Aí eu penso: "É, estamos loucos, porque se estamos falando uma coisa que é pra comunicar e não comunica, então tem algum problema". Mas isso eu acho que é uma das coisas que me orienta, que me faz eu ser o psicanalista que eu sou, assim, eu acho muito legal poder falar o que as pessoas falam, não explicar assim... Porque a gente tem ali uma coisa a oferecer que é útil, humanamente útil, é uma riqueza, poder abrir esses espaços internos, né?

Eu sempre tenho muito essa metáfora, assim, de pensar que a mente de uma pessoa, aquela personalidade tá ali apertadinha, se apresenta, vem à consulta como um pacote fechado, aí você tem que ir abrindo e ir autorizando a pessoa, apresentando pra ela: "Olha, tem tudo isso pra você ocupar com as suas coisas, seus sentimentos, mesmo com seus conflitos, com seus sofrimentos, não têm que exterminar nada, não tem que se livrar". Porque isso é muito a perspectiva de quem chega meio desavisado e quer ajuda.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Ela já apresenta um diagnóstico e às vezes anuncia até o caminho terapêutico: "Eu tenho que me livrar disto". Como você vai deixar de ser quem você é, né?

[00:55:10] Então eu acho que essa questão, essa coisa do espaço que se conquista... Tem uma revolução interior pra ser conduzida e o psicanalista pode ser um bom parceiro pra virar esse jogo de poderes que tem dentro de uma pessoa, reprimindo, obstruindo, bloqueando...

Nessa área da sexualidade acho também... Não é à toa que tudo começou por aí, né? O Freud... Mas eu acho que é o que mais atrapalha as pessoas, o que mais as pessoas se embananam é com isso... E a gente também. E aí a gente fez as análises, deu a vida assim...

Hoje também pensando, porque eu tava tentando me preparar aqui pra essa conversa e pensando desde o início, mas você sabe que eu estava no terceiro ou quarto ano da faculdade de medicina e eu fui fazer um curso que a Madre Cristina oferecia – ainda não tinha o Sedes – era lá na clínica, aquela clínica que tinha na Caio Prado, que era ligada a uma faculdade de psicologia do Sedes Sapientiae, que era ligado ao colégio Des Oiseaux, um colégio de freiras, assim. E tinha Madre Cristina e ela tinha um curso que era assim: Introdução à psicoterapia para médicos e estudantes de medicina. E eu fui lá, porque era um pessoal lá da Sociedade de psicanálise, que eram os professores, mas era dentro do curso de psicologia dessa faculdade que depois se fundiu à PUC, porque era uma faculdade particular de psicologia.

Bom, eu me lembro que fui todo animado, mas aí comecei a ficar bem perturbado, porque daí eu disse: "Não, eu, eu preciso ter um analista ou um terapeuta, porque essas coisas aí estão muito assustadoras pra mim... Eu não tenho nada disso claro pra mim, eu não sei nem onde colocar o desejo, não sei ainda, não sei, isso ainda é muito novo pra mim".

Mas eu lembro que eu fui conversar com ela e ela me indicou um cara pra fazer terapia e depois eu voltei.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E aí tinha a clínica lá e eu comecei a atender duas pessoas. Faz 50 anos isso, mas... Os primeiros pacientes... E hoje recuperando: quem foram esses primeiros pacientes? Era uma menina negra que estudava pedagogia. Super sofrida, por conta desse racismo entranhado. Ela passava mal lá na faculdade dela, hostilizada, coisas inacreditáveis, que continuam existindo. E o outro, esse foi o mais, assim, impactante pra mim, que era um seminarista, dominicano – que eram os pra "frentex" lá da época, que, inclusive, davam asilo para os perseguidos políticos e tudo. A Madre Cristina também participando disso, né? Então eu acho que ela foi procurada, porque esse cara tava muito angustiado, muito, muito, tadinho: jovem, seminarista, ia ser ordenado dominicano e... Com desejos estranhos, tesões fora do lugar. Toda uma problemática de homossexualidade exacerbada no seminário, no convívio com os outros meninos lá, né? Uma culpa, uma coisa, um conflito!

Eu não consigo lembrar o que é que eu fiz, porque eu acho que eu não tinha condição... Eu acho que eu tava antes dele, eu não tinha tido nenhuma experiência, então...

Mas eu não sei, eu acho que eu escutei e fui acolhedor, tava querendo fazer o melhor. Durou uns tempos e depois eu perdi...

Ele largou o convento, largou o seminário, isso eu soube, isso foi considerado de certa forma um êxito. Porque isto eu já tinha feito, a ruptura minha com a igreja católica foi antes, foi ainda no colegial e uma coisa muito libertadora pra mim.

[01:00:05] Mas aí tive contato com esse paciente. E a coisa mais surpreendente e emocionante que eu vivi foi que mais recentemente, isso tem talvez uns 10 anos, eu já era psicanalista da Sociedade e tal e esse cara me achou lá no HC [Hospital das Clínicas], no IPQ [Instituto de Psiquiatria da USP], veio com uma garrafa de whisky dizer: "Eu devo pro senhor".

Nossa, tô te falando e já tenho vontade de chorar, porque eu até me sentia inocente, assim, não sabia que eu tinha ajudado e modificado tanto a vida dessa pessoa nesse sentido. Porque daí ele viveu na França, fez letras... Essas formações de seminário



PSICANALISTAS QUE FALAM

dão muita cultura, né? O cara era um cara lido, culto e que foi embora pra França pra estudar francês mesmo. Era um professor de francês, ele se tornou um professor de francês da rede pública do estado e gay. Talvez não um gay tranquilo, porque continuava...

A gente até teve algumas conversas, mas não deu muito certo retomar, mas eu fiquei muito interessado, porque eu tinha vontade até de rever, retomar alguma coisa, quem sabe até corrigir alguma coisa, porque era muita inexperiência, muita insegurança pessoal também, inclusive em relação ao tema específico, que é uma questão, essa questão pra mim também me é cara. Não a questão da homossexualidade, mas hoje em dia eu penso que mais importante que isso é a homofobia. Do mesmo jeito que em relação aos negros é o racismo, o racismo estrutural, né? Eu acho que a homofobia e a homofobia de psicanalista e de psiquiatra, assim, essa eu acho séria, eu acho que é uma coisa pra ser abordada, pra ser... Eu ia usar, mas mais num contexto médico: atacada, porque a gente ataca uma infecção, ataca um câncer... Não sei se é assim porque eu acho que isso precisa ser levado com muita delicadeza e estratégia, porque as pessoas não são ruins, as pessoas são bem intencionadas, são bem preparadas, mas essa questão eu acho que pela própria sexualidade, eu acho que o sexual em nós tem uma coisa disruptiva que assusta também, desorganiza, então precisa muito dessas definições: "Não, é hetero, é casado". "Não, não é casado, não sei que lá". "Tem filhos". E a pessoa não se livra, por mais ajuste que ela tenha, dessa coisa que fica borbulhando e que pode ser exacerbada por qualquer coisa, por qualquer rabo de saia que passe ou outra coisa.

Acho que essa questão do sexual... Bom, aí tem todos os autores e é uma coisa contemporânea, que é uma coisa que tem sido trazida lá no âmbito da Sociedade, também na esteira desse grupo que a gente propôs lá, agora tem sido um tema, um assunto, até essa questão que se discute, que talvez algumas linhas inglesas e não sei o que, que tenham posto a sexualidade numa importância menor.

Tem toda uma questão teórica mesmo de recuperar o lugar do sexual na análise, nas concepções teóricas, na prática, na transferência, na transferência erótica... O sexual



PSICANALISTAS QUE FALAM

na sessão, quer dizer, como ele aparece e pode ser percebido e que muitas vezes é deixado de lado, porque são questões perturbadoras.

Às vezes me surpreende como a questão da homossexualidade ainda perturba de um jeito, assim, não sei, quase que, sei lá, de "Senhoras de Santana", das senhoras católicas... E são psicanalistas! Um certo surpreender-se, um chocar-se, assim, com coisas que eu acho que já andamos um pouco.

[01:05:10] Não é assim, essa coisa da perversão, isso tem que ser discutido, renomeado, revisto, né?

Como já vem sendo feito em vários planos, em vários nichos, nas artes, na literatura, nas leis, tudo... E as pessoas estão aí, já casam, pessoas do mesmo sexo se casam, quer dizer, que as leis... A sociedade avançou e a gente que tem essa ponta de lança tão disruptiva que eu acho que a psicanálise pode ser e ficar bancando, ou aceitando em suas fileiras, essa coisa, assim, eu acho... Esse impacto, assim de: "Mas tem a questão da perversão, tem a questão da homossexualidade". Então isso aí... Eu acho que avança, eu acho que... Por exemplo, em relação a mim, todo mundo sabe, todo mundo sabe, todo mundo conheceu meus relacionamentos. Agora, não é uma coisa, assim, que se fale. Quer dizer, eu nunca senti nenhuma hostilidade, nenhuma desautorização de qualquer outra coisa que eu fizesse por causa disso, nunca senti, então não acho que seja... Mas na intimidade você supervisionar, discutir um caso na clínica você vê que aquilo é muito forte. É muito forte.

Eu acho que é como também o negócio de preconceito. Eu acho muito impressionante, eu fico puto quando eu vejo isso em mim e às vezes emerge. Eu falo: "Nossa, tantos anos lutando contra isso, mas...". Mas surge...

Uma vez eu tava lá no serviço de psicoterapia, no seminário dos residentes, e tem um intercâmbio, vem residentes de outras especialidades que passam, que escolhem passar na psiquiatria e, portanto, na psicoterapia. Então era um seminário dos residentes e o serviço de psicoterapia lá fica no mesmo andar do Hospital Dia, que é onde também ficam pacientes às vezes bem graves e que às vezes vêm. Então isso é outra coisa que eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

também acho legal lá: a loucura e os loucos transitam, entram e abrem a sessão, você tem que ter um jogo de cintura, você tá acostumado com seu consultório, atendendo em análise, porque a gente tem os divãs lá e de repente: "Plam". Abre e é um piradão lá, do outro lado. E eu tava lá e bate a porta e abre e é uma senhora, negra, eu pulei, assim. E pensei: "Putá, isto é preconceito meu". Por quê? Será que se fosse uma branca, assim, eu ia ter a mesma reação? Eu já liguei a negritude dela à loucura do outro lado do corredor, acho isso, interpretei assim. Mas na mesma hora: "Doutor Oswaldo" [com sotaque português], era uma residente de Moçambique, de Angola, não sei, da África, que tava fazendo estágio lá no HC... Nossa, eu fiquei passado, assim. E era uma mulher, felizmente, interessantíssima e aí felizmente ela participou, a gente conversou, depois eu fui tomar um café com ela e tudo. Mas, puta que pariu, a gente não pode bobear, a gente não pode ligar pilotos automáticos quando se trata dessas questões, das relações humanas, das pessoas... O que que me faz ter alguma atitude, assim? É isto, é a questão da cor da pele, é isso e que em si também não é nada, nada, mas dentro de nós já tem alguma coisa construída ali que é absurdo, assim, mas que também não dá pra dizer absurdo, que faz parte dessa complexidade, dessas montagens que resultam a personalidade e a vida mental de cada um, né? Que é cultura.

Eu por exemplo...

Ah, judeu também é uma coisa da minha educação...

[01:10:00] Eu tinha, eu achava que judeu era uma coisa horrível. Assim, eu vinculava com o mal, a minha vó falava: "Mataram Cristo". A minha vó falava isto. Eu digo: "Bom, é um grupo, assim, como os ciganos, são pessoas que raptam criancinhas, coisas assim". Quer dizer, isto não era assim dito e nem eu achava assim, mas agora que a gente vai recuperando as coisas, eu tinha essa impressão, quer dizer, eu fui conviver com judeus, fui sacar inclusive mal informado na doutrina católica, porque Jesus era judeu, teve Bar Mitzvah de Jesus, teve circuncisão... Aquele episódio do menino Jesus entre os doutores era o Bar Mitzvah lá, que ele arrasou, sabia tudo com 13 anos, porque era filho de Deus, sabia... Mas não tem diferença nenhuma, somos todos a mesma coisa, nós, os cristãos e



PSICANALISTAS QUE FALAM

os judeus. Quer dizer, como se instaura tão precocemente e fica tão encravado essas coisas que resultam nas manifestações de preconceito. Acho que desde criança... Bom, festa junina, malhação de Judas, nossa, fiz muito, até me dar conta de que aquilo era um absurdo, uma coisa completamente antissemita forte. Mas fizemos muito isso. Então depois, na Faculdade de Medicina, que aí fui ter amigos judeus, daí pra mim era, assim, uma coisa, nossa, não sei, um cara tão legal, tão bacana, tão bonito – porque também tive um namorado. O que que é isso? Da onde que vem essa ideia de que judeu era diferente? Quando? Aonde? Mas aquilo era muito arraigado dentro da gente, né? Enfiado goela abaixo, nem sei... Não era uma coisa... Por isso que é complicado, minha vó que talvez seja a maior responsável, foi a pessoa que me deu as obras completas do Freud, ela achava o máximo...

Eu era o neto mais velho e afilhado dela, e o pai dela, meu bisavô era médico, então eu era a reencarnação, o Esculápio da família, eles falavam, meus tios-avós. E ela sempre me disse: "Tudo que você precisar...". Faculdade de medicina, comprava os livros e foi nos anos 70 que lançaram aquela coleção, a primeira tradução da Imago, a primeira edição ali e eu falei: "Eu queria ter as obras do Freud" e ela: "Pode comprar". Eu tinha desde os anos 70 essa edição brasileira. Falando isso porque agora eu lembrei dela, e me deu até um pouco de saudade, ela era uma pessoa moralista, católica, insuportável nesse aspecto, mas ela tinha uma coisa bacana comigo, de proteção assim, mas que contribuiu muito pra minha mente, indiretamente, sem saber, talvez, abrir, ampliar, nesse sentido que eu tava falando: territórios, fronteiras, tem que ir nessa direção, tem que ter isso, pelo menos como norteador.

E acho que é aí, eu não sei... É subversivo, mas talvez revolucionário, mas talvez não no sentido demolidor.

Esse é um limite, assim, que sempre também me preocupa porque como é que a gente inova, desafia, amplia e não destrói?

Porque tem coisas... Mas essas coisas que eu estou falando elas são verificadas na clínica, na microscopia. Às vezes eu tenho vontade de dizer: "Você acreditou nisso?". Falar



PSICANALISTAS QUE FALAM

pro paciente. "Acredita nisso?". E acredita firmemente. E você vai ter que... Aí entra toda a sua habilidade, que é uma habilidade, é um jogo de cintura, é sabedoria, né? Que eu acho que essa eu acho uma coisa bacana, voltando às formigas e aos cachorros, a gente tem essa direção, né, da busca de sabedoria e isso é ilimitado, é infinito. Aponta para o infinito, porque claro que a vida é finita, mas sempre tem alguma coisa pra você repensar de um outro lugar, de um outro ponto de vista, com outras informações.

[01:15:23] Mas eu acho que isso é uma batalha dentro da gente, porque sempre tem umas forças que conspiram contra, que puxam um pouco pra trás, ou coisas que aconteçam... A gente vai sempre se ocupando de algumas coisas.

Ultimamente eu tenho pensado muito nas questões aqui pra nós, brasileiros, na questão do racismo, é um tema...

Eu também não gosto de pensar que certos temas passam da moda, que são de moda ou de ocasião, porque são coisas que são importantíssimas, que são trabalhosas, você vai ter que ficar ali insistindo, mas são coisas muito importantes. Eu, no âmbito lá da Faculdade de Medicina, eu tenho tido a experiência também de... Eu tenho, assim, não sei se isso seria um bairrismo, mas eu sinto orgulho também de pertencer a esse mundo, esse mundo específico da Faculdade de Medicina, do Hospital das Clínicas, são pessoas que se aproximam disso, seja os jovens para estudarem medicina, pra fazer residência... São pessoas muito talentosas em geral, são pessoas muito inteligentes e que precisam de alguma ajuda, mas essa ajuda que é mais parecida com o que mãe dá pra bebê, não é pra viver no lugar, mas é dar aquele... Então essa questão do apoio psicológico ao aluno de medicina é uma coisa também que me envolve, assim, porque eu tenho sido procurado pelos alunos. E acho que agora se caracteriza como um universo dentro desse... um subgrupo que são os meninos – e meninas também – eu acho que ainda tenho essa coisa de gênero, eu uso o masculino no amplo, né, mas acho que é da língua, assim, não sei, talvez uma questão pra se pensar – que entraram na faculdade por cotas, que a Faculdade de Medicina resistiu muito, muito. Com o argumento mais nojento e racista de que baixaria o nível dos cursos, porque são sempre alto nível mesmo. Então tenho percebido isto,



PSICANALISTAS QUE FALAM

quase como um quadro clínico, embora isso não seja uma coisa pra psicanálise tão importante, mas essa situação do jovem super inteligente, mas de origem dita humilde, às vezes família evangélica, então... com cor de pele que não é o que você vê nas salas de aula, chamam a atenção quando você vê, e também que não vieram do Porto Seguro, do Santa Cruz, e que fizeram intercâmbio e que falam inglês e francês e conhecem o mundo já com 18 anos. E que estão ali num lugar de ponta, muito privilegiado, e que acena com perspectivas de desenvolvimento socioeconômico também, porque não vai ter médico desempregado, sempre vai ter um plantão pra dar bem pago. E essas pessoas sofrem, sofrem e um sofrimento que é específico, é desta circunstância, de uma origem que não cabe num lugar assim. Ou pelo menos eles vivenciam isso e os que hostilizam também pensam isso. Só que não é verdade, né? A pessoa que já carrega – eu li esse conceito que eu acho que é mais da sociologia – da origem social como um veredicto que te aprisiona ali: "Ah, é pobre", "Ah, é ZL", "Ah, é negro", "Ah, é isto!". E fica... Isso eu penso como uma coisa pro analista e o terapeuta lidarem com isto, isto salta aos olhos.

Eu acho isso, não sei, uma questão pra mim muito estimulante, que eu vou reconhecendo e vou vendo...

[01:20:35] E a questão da sexualidade, que vejo também, também esses anos todos lidando com isso, eu vou vendo que as coisas mudam também. As coisas mudam. Acho incrível, assim... Eu tava numa reunião essa semana de residentes, que é uma atividade que a gente faz que é um grupo de monitoria, aí eu falei: "Bom, e aí, vocês vão sair de férias, não sei que lá?". "Eu vou, não vejo a hora, vou fazer uma viagem pra conhecer o nordeste brasileiro, vou com meu namorado". Eu quase me senti uma irmã, uma freira (risos). "Não, namorado"... Não, lá no fundinho, e quando eu vejo eu falo: "Olha que coisa incrível, que coisa incrível!". Quando que uma pessoa nesta fase que ele está na minha época falaria isto pro professor? (risos). Então as coisas mudam, mudam, completamente. As gerações têm uns privilégios agora de poderem relaxar, de soltar a gravata, tirar o sapato. Não sei. E viver mais confortavelmente em meios que são muito conservadores, muito, muito!



PSICANALISTAS QUE FALAM

A Faculdade de Medicina é impressionante, porque tem muita produção interessante, genial, mas já teve muita coisa esquisita. Já teve professores defendendo eugenia, assim como uma coisa científica: "Branquear a raça". Essas coisas foram formuladas nas cátedras da USP, no passado. E agora as coisas vão, né?

E agora tem negros na Faculdade de Medicina, no hospital, na residência. Não tinha isto. E não sei por que é que não tinha, porque as inteligências e as possibilidades tinham. Não tinha esse clima mais favorável, de alguma coisa que eu acho que vai, vai com o freio de mão puxado, mas vai, anda. Tem alguma coisa que anda na cultura, na sociedade. Mas talvez eu não tenha os elementos disto que eu tô falando de alguém que conhece profundamente sociologia, mesmo política, porque eu acho que são fenômenos e fatores que têm que ser estudados e investigados assim.

Mas eu acho que essa interdisciplinaridade, por exemplo da psicanálise, eu acho importante também. Acho que a gente não pode ficar parado, na bíblia, nos nossos autores: "Versículo não sei o que, do Talmud, do antigo testamento, do alcorão". É diferente isso, essa ruptura a gente tem que fazer. Mas às vezes não faz, né? Principalmente quando as instituições acomodam. Essa é uma coisa que me inquieta, assim, mas eu acho que também já estou acostumado com ficar inquieto, porque às vezes eu digo, sei lá: sou membro efetivo da Sociedade de Psicanálise, só faltaria eu virar didata, que dessas categorias lá... Mas não sei se eu quero e aí eu fico pensando: "Será que eu quero pertencer a esse grupo?". Mas tenho pensado que eu acho eu devo. Como eu fiquei no HC, como eu estou lá ainda.

Sim, porque, não sei, a gente tem que pôr em movimento e dizer: "Olha, o freio de mão tá puxado, solta aí que vai...". Mas tem que saber onde que é o freio, né? Tem que procurar (risos).

[01:25:00] Mas daí eu acho que tem uma coisa... E uma das coisas que – terminando o que eu queria dizer da minha trajetória, do que me faz psicanalista e que eu posso falar como psicanalista – é também saber que eu inspirei pessoas, jovens, médicos, pra serem psicanalistas, pra buscarem formação... E aí eu sinto que é garantia de outra



PSICANALISTAS QUE FALAM

força, outro espírito... Jovens que já saíram do armário, que viveram já uma vida fora do armário.

Pra mim, uma pessoa como eu, da minha geração, o armário é uma questão. Eu sinto que eu perdi a minha adolescência e a minha juventude, acho uma coisa que às vezes me dá até vontade de chorar. Mas também eu acho que eu recupero isso, recuperei.

Mas todos esses medos, toda essa culpa e toda sensação de que tinha algo muito errado.

Primeiro muito pecaminoso e depois muito doente, mas tudo isso são coisas do passado.

Mas aquele tempinho que eu vejo, os meninos se pegando e as meninas, eu penso: "Isso daí eu não vivi". (risos).

Mesmo meus pacientes jovens, que são médicos – atendo muito

médico por causa dessa minha situação lá com estudantes... Nossa, com a maior

naturalidade, falam: "Fiquei". Esse termo "ficar" não é da nossa época. Não tinha isso de

ficar, se ficava era transar e se acontecia ninguém falava, não era um assunto, uma coisa

a ser publicada, mesmo nos pequenos círculos.

Então é muito diferente, isso aí me emociona também de ver a juventude, daí

também fico animado. Às vezes talvez até um pouco exagerado, porque sou um senhor,

assim. Mas eu acho legal, assim, a vida que continua, que vai ter fim...

A gente tava até conversando... Essas coisas que a psicanálise formula e dá

bastante discussão de: pulsão de morte, pulsão de vida... Tem isto. Mas a gente tem que...

É possível libertar, digamos assim, a pulsão de vida pra conviver com a pulsão de

morte, porque isso é inexorável. Mas a vida pode ser vivida com mais liberdade, com mais

autonomia e com mais proveito, com mais prazer. Essa busca de prazer...

Uma vez eu fui fazer um curso de culinária, última coisa que eu vou falar, porque eu

achei isso tão rico pra mim, porque eu achava que eu precisava pelo menos... E aí foi

engraçado que eu fui nessa escola aqui que tem: Wilma Kövesi. Era eu e jovens recém-

casadas, meninas de boa família e que não sabiam nada de cozinha. E eu tava um pouco

na mesma condição. E eu me lembro que uma das professoras lá ela disse: "A primeira

coisa: gastronomia não é nutrição". Eu achei aquilo super bem... "Claro! Gastronomia é

erotismo, é quase pornografia, é prazer". Nutrição é coisa de médico: proteína... Coisa de



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

academia também um pouco. A gente tem um pouco esse... Eu adoro privilegiar um peito de frango e batata doce e só, mas... Também sei o prazer imenso que você pode ter com coisas muito diferentes...

É um mundo impressionante esse dos prazeres, da mesa, do copo e da cama, que estão ao nosso dispor, se a alma não é pequena, porque apertadinha você... Se joga e vive a vida, porque vai acabar: começo, meio e fim.

Bom, acho que...

[HEIDI] Emocionada, tô emocionada. Muito obrigada.

[01:30:00] CRÉDITOS

FIM.



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #7 – OSWALDO FERREIRA LEITE NETTO

FICHA TÉCNICA

Duração: 91'

Ano de Produção: 2021

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Ana Prynck e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas Tabacof Waks

Câmeras e som direto: Cecília Engels e Jozzuu

Edição: Cecília Engels

Design gráfico: Julio Dui_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas Tabacof Waks

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam